

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER PORTUGUESA EM VIAJANTES ESTRANGEIROS DOS SÉCULOS XVIII e XIX

Ana Vicente

Técnica Superior aposentada.

Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

Resumo Este artigo resulta da análise de relatos de viagem de estrangeiros a Portugal: um *corpus* muito vasto que ocupa aproximadamente 1670 volumes, devidamente catalogados e arquivados na Biblioteca Nacional. O traço dominante referido pela quase totalidade dos autores estrangeiros do período em estudo salienta o recato, o encerramento, a clausura em que vivem as mulheres portuguesas. Alguns documentos escritos sobretudo por ingleses, homens e mulheres, viajantes em Portugal entre os séculos XVIII e XIX são analisados de perto, permitindo confrontar as divergências de comportamento social no relacionamento entre os dois sexos em alguns países da Europa e em Portugal.

O *corpus* que é objecto da nossa análise é muitíssimo mais vasto do que é do conhecimento geral. Basta referir a notável colecção de livros estrangeiros sobre Portugal, editados entre os séculos XV a XX, reunida sobretudo nos anos 40 deste século por António Alberto Marinho Duarte de Sousa. Do século XVIII contam-se cerca que 500 obras enquanto que, para o século XIX, encontram-se 1170 volumes. Este conjunto excepcional foi adquirido pelo Estado em 1951, um ano após a morte do coleccionador. Encontra-se catalogado e à guarda da Biblioteca Nacional.¹ Muitos destes livros não se podem classificar como literatura de viagens embora o número que se pode colocar nesta categoria seja muito considerável.

Dos livros de viagens nem todos contêm referências específicas às mulheres portuguesas, que nos permitam reflectir sobre as respectivas representações. Contudo, e não tendo a pretensão de conseguir realizar a análise exaustiva de todas estas obras, é possível encontrar um número suficientemente significativo de referências às mulheres que permitem salientar, desde já, um traço dominante referido pela quase totalidade dos autores estrangeiros: o recato, o encerramento, a autêntica clausura em que viviam as mulheres em Portugal, no que toca às classes mais elevadas, mas também nas classes médias, o que sugere que nos seus respectivos países a situação seria diferente.

Um anónimo francês escreveu sucintamente em 1700 que as mulheres só saíam de casa em três ocasiões, para se baptizarem, para casarem e para serem enterradas.²

Sendo a maioria dos viajantes do sexo masculino também é possível encontrar algumas viajantes que nos deixaram as suas 'impressões' o que tem para nós um interesse específico por razões evidentes.

Em termos gerais podemos afirmar que o olhar de ambos os sexos sobre as mulheres habitantes de terras lusitanas leva-os a construir representações que sublinhavam o exotismo, o estranho, o diferente, o pitoresco e o desprezível.

De realçar ainda que a viagem até a Portugal era, em si, um empreendimento de monta dada a sua situação geográfica ultra-periférica o que também contribuiria para o sentimento de estranheza face a costumes, atitudes e mentalidades observadas com algum espanto e muitas vezes, com grande desdém.

Apresenta-se seguidamente uma amostra, colhida em livros de viagem de autoria estrangeira, dos séculos XVIII e XIX, contendo referências às mulheres em Portugal.

A *Description de la ville de Lisbonne* publicada em Paris em 1730 faz eco do resguardo feminino que imperava em Portugal:

Os maridos teem-nas quase sempre fechadas e veem-se até mesmo simples comerciantes, terem em sua casa capelas em que mandam dizer missa para tirarem a sua mulheres e filhas qualquer pretexto para saída.³

Também William Beckford no seu Diário publicado em 1778 escreveu:

A porta dos aposentos de D. Henriqueta estava aberta de par em par e o reposteiro apenas meio corrido. Pude apreciar as suas feições, apesar do retraimento a que o inviolável costume português condena as raparigas na ausência da mãe, mal se aproxima o bicho-homem.⁴

Segundo Maria José Moutinho Santos, esse recolhimento era sinónimo de fidalguia, e cita um autor francês, que publicou em 1796 o seguinte:

(...) encontram-se aqui os vestígios do tempo em que as mulheres, privadas de liberdade, viviam numa contínua solidão, encerradas nas suas casas, não lhe sendo permitido sair das suas prisões senão muito raramente e em ocasiões muito especiais.⁵

A mesma autora cita igualmente um texto de autoria francesa, que encontrou em manuscrito e que dá conta da lastimosa situação das mulheres no que diz respeito ao acesso à educação:

Poucas são as mães que façam aprender suas filhas a ler e escrever com perfeição, a bordar (...), a tocar alguns instrumentos, e enfim que façam dela uma mulher estimável. A única ideia, que lhes procuram imprimir a todo o custo, é que fujam dos homens, como de uns animais terríveis e perversos. Assim conseguem o contrário do que pretendem (...). Esta falta de Educação faz que as Senhoras Portuguesas, que a natureza formou muito belas, se façam pela falta de arte e de conhecimentos, muito desagradáveis e insípidas para a sociedade. (...) E assim rara será a Portuguesa que faça mais do que vegetar: vivem como as plantas e como elas morrem. (...) Apenas as tirais do costumado entretenimento e conversação sobre modas, enfeites e defeitos das suas conhecidas e amigas, pontualmente perdem o uso da fala. (...) É bem verdade

que na Corte e em outras principais Cidades e Províncias de Portugal, se acham muitas senhoras de todo o merecimento, que se aplicam às Belas-Artes, que sabem línguas e que fazem muito amável a Sua Companhia. Porém estas ainda são muito raras e mais vulgar são as que vos digo. (...) Apenas uma mulher quer, neste Reino, elevar-se acima das suas companheiras, aplicando-se às Artes e Ciências, (...) começam a proclamá-la ironicamente com o título de Doutora, e a dizer que é uma soberba, uma ociosa e que o tempo que gasta sobre os livros, melhor fora o gastara na sua roca e no governo de sua casa.⁶

A igreja era um local que facilitava os encontros e as trocas de mensagens entre rapazes e raparigas, enquanto que as romarias facilitavam autênticas orgias segundo um viajante, igualmente citado por Maria José Moutinho Santos, que em 1738 escreveu:

A visita das igrejas durante a Semana Santa faz crescer mais o número dos adultérios num só dia, do que em todo o resto do ano. (...) Os Eclesiásticos deste reino continuam a autorizar com as suas presenças e aprovação estas cenas de deboche e de libertinagem (...) Mais de um português deve o seu nascimento às orgias nocturnas ou ajuntamentos báquicos destas piedosas funções. As mulheres portuguesas também devem promover e autorizar estas romarias porque não gozando elas de tanta liberdade, como em França ou na Inglaterra, há donzelas que estão esperando pelo tempo em que com a sua família hão-de ir à romaria, para aparecer ao mundo, fazer tremular os seus adornos e muitas vezes premiar as finezas e suspiros dos seus apaixonados. (...) Para a Procissão do Corpo de Deus as mulheres aparecem às janelas sem touca ou véu, muito ornamentadas, não esquecendo nada do que possa atrair sobre elas os olhares dos espectadores. É permitido nesse dia olhar e examinar as senhoras quando se queira, sem perigo de acidente. Mas, quando a Procissão acaba, convém ser muito cuidadoso ao olhar aquelas que ainda se encontram à janela, porque os portugueses têm o costume de se esconder pelos cantos, para espiar as suas mulheres. Desgraçado daquele que dá azo a suspeitas bem ou mal fundadas, que permitam pôr em prática os meios de vingança utilizados neste país contra os galantes e as mulheres.⁷

Para o século XIX encontra-se sobretudo uma extensa e rica bibliografia inglesa sobre Portugal, a qual surge em grande número logo a partir do início do século.

Para além dos livros que se concentram na história política e militar, alguns escritos por participantes directos nas Guerras Peninsulares (1807-1812) e dos quais há que realçar as cartas de campanha do Duque de Wellington, dirigente das tropas britânicas, há inúmeros textos que consistem na visão pessoal dos respectivos autores acerca do país e dos costumes, atitudes e mentalidades da sua população. Tudo isto atravessado de valorações, comparações e opiniões, por vezes contraditórias e muitas vezes pejorativas. É igualmente manifesto que alguns dos autores estão eivados daquele orgulho e preconceito que Jane Austen tão soberbamente soube desmontar, enquanto outros são levados a fazer generalizações a partir de experiências particulares.

Mas é de salientar que estas obras eram veículos muito importantes na formação da opinião das elites inglesas acerca do nosso país.

O primeiro livro que referirei para a transição do século XVIII para o XIX é da autoria de Robert Southey que publicou a segunda edição do seu texto em 1799, em Londres.⁸ Corresponde a uma viagem que fez a Portugal e a Espanha em 1795-96, enquanto uma mulher enlouquecida ocupava o trono de Portugal. Intitula-se *Letters written during a short residence in Spain and Portugal*. Afirma no prefácio que o que apresenta ao leitor corresponde “àquilo que eu vi (...) eu dou factos, e o leitor fará os seus comentários”.

De sublinhar esta consciência da presença e capacidade de julgamento do receptor. Para se salvaguardar, acrescenta: “Apresento as coisas tal como a mim me pareceram.”

Southey entra em Portugal, vindo de Espanha, pela fronteira de Elvas e até Lisboa vai-nos descrevendo com bastante pormenor e alguma graça os episódios da viagem, acompanhados da indicação dos locais onde pernoitava, um dos quais tinha uma estaladeira que o tentou roubar: “A sua cara, mesmo nos melhores momentos, exprimia uma ferocidade casmurra e brutal”.

Southey não foi criado na Igreja Católica pelo que observa as práticas religiosas dos portugueses com estranheza e incompreensão, elaborando muitos comentários sobre a marcada presença da Igreja nos costumes e hábitos nacionais. Em alguns comentários, considera que, de ambos os sexos, as mulheres são mais perfeitas de carácter e que são vítimas da avidez masculina. Como exemplo, insurge-se contra os homens que querem ser chapeleiros, quando a costura de chapéus é um trabalho eminentemente adequado às mulheres, podendo mesmo evitar a prostituição, na medida em que as mulheres, quando não tinham outros meios de vida, recorriam a essa actividade.

Ao referir-se à opera italiana, diz que poucas são as pessoas que em Lisboa a frequentam e anota que a rainha D. Maria I não permitia que qualquer mulher pisasse as tábuas do palco. Segundo Southey, “dizia-se que esta medida, que na realidade é o resultado da sua inveja, era devida à consideração em que a rainha detinha a moral pública. Desde que eu aqui cheguei, foi dada licença para que uma dançarina se exibisse, e como resultado o teatro tem estado sempre cheio. Onde estava a consideração de Sua Majestade pela moral pública quando o permitiu?”, acrescenta o autor, em tom puritano. Southey visitou ainda as freiras inglesas de clausura, no Convento de Santa Brígida, conhecidas em Lisboa pelas Inglesinhas, tendo-lhe sido oferecido chá. Regista que a origem desta fundação datava do tempo de Henrique VIII, que expulsou uma comunidade de freiras. Depois de vaguearem através da Flandres e da França durante 37 anos, tiveram guarida em Lisboa, através da *generosidade piedosa de Isabel de Azevedo*.

No entanto, não ficou nada bem impressionado, pois não conseguiu entender a razão de ser de uma vida de oração e de silêncio, sem se poder desfrutar qualquer prazer. Apesar das freiras lhe dizerem que eram felizes, Southey acrescenta que espera que o nosso País não seja por muito mais tempo envergonhado por esta instituição.

Se por vezes revela, em alguns dos seus comentários, uma certa simpatia pelos portugueses e por Portugal, Southey encontra muita pobreza material e de

espírito, uma sociedade retrógrada, fechada e intolerante, em nada tocada pelo vendaval da revolução francesa.

O segundo livro do século XIX que referirei foi publicado em 1809, em Londres, sendo já dominado pelos acontecimentos relativos à primeira invasão francesa de Portugal, que ocorreu em 1807 e a subsequente luta dos exércitos combinados de Portugal e Inglaterra contra o invasor. Intitula-se *Letters from Portugal and Spain*, e foi escrito por Adam Neale.⁹ O autor era um dos médicos que acompanharam as tropas comandadas por Sir Arthur Wellesley, mais tarde Duque de Wellington. O texto é ilustrado com gravuras realizadas a partir de desenhos feitos pelo próprio autor “no local mesmo”. No prefácio, Adam Neale afirma procurar ser fiel à verdade dos factos. Lamenta a triste apatia em que se encontram os dois países peninsulares, que, na sua opinião, não aproveitam devidamente as suas potencialidades. Atribui tal estado de coisas aos seus respectivos governos. As cartas são datadas de 1808.

Em viagem para o Norte, o autor e outro médico ficaram alojados numa quinta em Sacavém, que pertencia a um fidalgo português, a quem ele dá o nome *De la Mottaye*. O fidalgo, oficial de Marinha, encontrava-se ausente, mas sua mulher recebeu-os com a maior amabilidade, tendo conversado acerca da sua estada no Pernambuco e no Recife, onde estivera acompanhando o marido: *As suas observações deixaram-nos com uma opinião muito favorável acerca da sua inteligência e sentido das realidades*. Este autor também observa com estranheza o culto religioso dos portugueses e muito especialmente o culto da Virgem Maria. Os oficiais continuaram a sua viagem fazendo mais referências à hospitalidade cordial das senhoras portuguesas de posição social elevada.

O livro que a seguir refiro intitula-se *Letters from Portugal and Spain, written during the march of the British Troops under Sir John Moore*, assinado por “um oficial” e atribuído a Sir R. K. Porter.¹⁰ Foi publicado em Londres, em 1809. O autor afirma que as suas cartas foram escritas à medida em que se iam dando os acontecimentos relatados, e que era um observador interessado em tudo o que o rodeava. Tanto ele como os outros autores já referidos falam do grande número de mendigos de ambos os sexos, da sujidade de Lisboa, principalmente provocada pela não existência de qualquer sistema de esgotos e do costume de deitar todas as imundices para a rua, muitas vezes sem sequer o aviso (obrigatório por lei) de “água vai”...!

Depois de fazer comentários sombrios acerca do povo e da situação geral do País, pobre e apáticos, o autor acrescenta uma descrição detalhada das mulheres de Lisboa:

Começarei a linda procissão com as classes mais baixas; mostram um gosto inesperado na forma de vestir; usam um xaile com mangas que cai dos seus ombros. É normalmente de pano vermelho, cercado e ornamentado com veludo preto, talhado com muita arte. A maneira que elas têm de se envolverem nesta vestimenta é muito graciosa e atrai grande atenção, pois vê-se toda a forma do corpo, terminado por um pé e calcanhar bem feito. Estas extremidades das suas pessoas são muito engraçadas e arranjadas com o maior cuidado; quando se considera a sujidade das ruas, fica-se espantado com a limpeza generalizada que é marca nacional de orgulho feminino. As

suas cabeças estão envolvidas num lenço branco, sob o qual se vê uma cara interessante, mas amarelada, com bonitos olhos escuros. Tal é o *tout ensemble* de uma beleza lisboeta. As classes superiores, por estranha contradição, embora talvez possuam um pé e calcanhar tão bem feito como as suas irmãs mais humildes, não prestam atenção a esta parte das suas pessoas; e, na realidade, a moda do seu vestir em geral é inferior à simplicidade elegante das plebeias bonitas (...). Há uma classe média que se adorna com véus de renda negra e capas. Estas mulheres têm um ar arranjado, e são geralmente seguidas por uma mulher velha, uma espécie de *chaperon*, que se mantém a uma distância respeitadora da sua linda protegida.

Diz que a presença dos franceses tinha aliviado as restrições impostas às senhoras, mas afirma que mal sabem conversar, pois *as partes mais positivas da educação feminina não são aqui consideradas*.

Afirma ainda que muitas raparigas ocupam o longo tempo que passavam nas igrejas a observar os rapazes e que alguns oficiais ingleses iam à missa apenas para poderem corresponder a esses olhares.

Outro livro que citarei intitula-se *A Picture of Lisbon taken on the spot*, publicado em Londres em 1811, não estando a sua autoria estabelecida, pois apenas se indica ser de um habitante de Portugal.¹¹ O autor pinta um retrato muito negativo do País e da sua população, que é dada como indolente, corrupta, mesquinha, pretensiosa, intolerante e mais todos os vícios e defeitos possíveis.

Portugal está atrasado mais de que um século quando comparado com outros países da Europa", conclui. A situação das mulheres portuguesas das classes mais elevadas é descrita como sendo de escravatura e apertado controlo por parte de seus pais ou maridos: "Quando uma senhora portuguesa sai à rua, nunca o faz só, mas é sempre seguida por criadas envoltas em grandes capotes de tecido rústico e que as seguem como lacaios (...). Vêm-se raramente em público: quase nunca saem; algumas nem o fazem quatro vezes por ano e algumas só uma vez por ano para receber o sacramento nas suas igrejas paroquiais; no caso de algumas, o rito é realizado em suas próprias casas e nesse caso nunca saem (...). Se as mulheres portuguesas se mostram raramente nas ruas, mostram-se demasiadamente à janela (...). Dentro de casa entregam-se à mais completa indolência: estão acostumadas a não fazer nada; nunca pegam numa agulha ou num livro.

Falando das procissões, que eram muitas e importantes, diz que para as mulheres em especial, eram ocasião de festejo:

Dá-lhes uma oportunidade de saírem e de se mostrarem em público, o que não deixam de aproveitar (...), colocam-se nos locais onde vai passar a procissão; enchem as janelas e as varandas, e aí se exibem durante três ou quatro horas antes da procissão; os homens passam e tornam a passar, olham-nas, examinam-nas, cumprimentam-nas.

O autor pronuncia-se detalhadamente sobre a prática da prostituição em Lisboa. Reconhece que muitas prostitutas optaram por este caminho por infelicidade e

necessidade e afirma que são em grande número, mas que não abordam os transeuntes, mas antes se colocam à janela com tais postura que se tornam inconfundíveis. Quando o clima, por demasiado frio ou quentes, não o permite, colocam um lenço branco à janela, que serve de sinal. Também havia muitas prostitutas jovens que caminhavam nas ruas acompanhadas por uma mulher de idade. Aparentemente, eram raparigas inocentes e honestas. No entanto, os olhos da acompanhante indicavam que as aparências iludiam e o cliente abordava a velha e combinava com elas as condições monetárias e o local de encontro. Ainda outra classe de prostitutas, mais miseráveis, eram conhecidas por *morcegos*, pois saíam ao anoitecer, envoltas nos seus capotes. Segundo o autor

muitas mulheres casadas das classes inferiores da sociedade seguem este comércio vergonhoso; algumas delas com o consentimento dos maridos, com os quais partem os ganhos da sua prostituição (...) Muitas outras são mulheres que vivem separadas de seus maridos, algumas das quais os abandonaram por decisão própria, enquanto a maior parte foram banidas ou desterradas por ordem da magistratura.

Acrescenta que as doenças venéreas estavam muito espalhadas, descrevendo-as como *aquele veneno destrutivo*. A polícia actuava pouco contra as prostitutas e apenas quando uma pessoa importante fazia uma denuncia. Quando apanhadas, eram internadas em casas de trabalho, onde ficavam por tempo indeterminado. Mas no fim disto tudo, o autor afirma que as mulheres portuguesas, em geral, são doces, amáveis e afectivas e com capacidades que só não se desenvolvem porque não têm qualquer oportunidade de se cultivarem: "O amor fá-las habilidosas e finas: o seu pendor inventivo, fértil em recursos, não lhes falta quando é necessário. Como cedo aprendem a fingir, são excelentes fingidoras".

As raparigas solteiras são vigiadas por suas mães com a maior severidade e não lhes é permitido qualquer contacto com o sexo oposto. No entanto, as jovens "encontram mil maneiras de iludir as precauções que são tomadas para as guardar", geralmente com o conivência das criadas: "Não podem comunicar com seus amados por carta; a maior parte não sabe escrever; mas possuem uma linguagem que lhes é muito familiar". Tratava-se da linguagem dos sinais, dos namoros distantes, à janela. Quanto ao casamento, segundo o autor, todas as raparigas aspiram ao casamento por verem nele uma *aparência de liberdade*. Assim, quando lhes surge uma oportunidade não a largam: *Seja velho ou novo, bem parecido ou feio, simpático ou detestável, estrangeiro ou natural da sua nação, católico ou protestante, se for um marido é o que lhes basta*.

O trabalho de William Granville Eliot, capitão do Real Regimento de Artilharia, intitulado algo pomposamente *A Treatise on the Defense of Portugal*, foi publicado em Londres, em 1811, na 2.ª edição aumentada.¹²

Descreve o traje das senhoras portuguesas da seguinte maneira:

O corpo do vestido é de seda de cor, enquanto as mangas e a saia ou cauda são em branco, ou de uma cor distinta das restantes partes: o cabelo é profusamente ornamentado com pentes de ouro, flores artificiais ou com pedras preciosas de várias cores.

Todas usam o negro para ir à igreja, com um véu sobre a cabeça, que chega quase ao chão e que deixa apenas uma pequena parte da cara visível; o véu, de acordo com o nível social da portadora, é de renda, seda, ou de tecido de lã, e não é nada feio. As mulheres que se vêem na rua nunca usam touca ou chapéu, mas a sua cabeça é coberta por um lenço branco, limpo.

Aconselha os seus compatriotas a tratar as senhoras por “vossa excelência”, pois o acolhimento será, nesse caso, mais favorável. Considera os portugueses, entre os quais viveu durante 15 meses, em geral, muito atrasados em relação à maior parte dos restantes países da Europa, o que atribui a várias causas.

Teve oportunidade, junto com outros companheiros de armas, de se deslocar ao Convento de Odivelas, onde ouviu uma freira, cujo nome não recorda, tocar órgão de forma brilhante e expressiva. Aí foi-lhes oferecido um repasto, que consistia numa grande variedade de frutas e de doces e vários tipos de “vinho excelente”. O coro do convento, em sinal de gratidão pela expulsão dos franceses, também os entreteve com cantigas em italiano e português! Acrescenta que muitas senhoras tocam guitarra com perfeição, acompanhando o seu trinar com vozes agradáveis.

Alude à proibição segundo a qual as mulheres não podiam representar no teatro, na altura já levantada. A dada altura, foi enviado para Elvas onde lhe atribuíram alojamento em casa da viúva de um fidalgo, a Senhora Dona Ana Fortunata. Fala com apreço da hospitalidade e civismo de que aí foi alvo, o que se verificava em todo o país, no que diz respeito aos ingleses.

Passamos a outro livro, já de 1815: *Letters from Portugal, Spain and France*, escrito por S. D. Broughton, e publicado em Londres.¹³ Este inglês afirma ter escrito um diário minucioso durante as suas viagens, que lhe serviu para a elaboração destas cartas, onde procura ser “verdadeiro”. Chega a Portugal em Novembro de 1813 e começa por enaltecer a beleza de Lisboa, vista por quem sobe o rio Tejo de barco.

Apesar da sujidade das ruas, observa que os portugueses têm o costume de lavar muitas vezes a roupa, mas não usam sabão ou qualquer outro substituto:

A lavagem é realizada por mulheres, que se vêem em grupos, dentro dos riachos, com água até aos joelhos, e depois de esfregarem, espremerem e baterem o linho durante bastante tempo contra grandes pedras, estendem-no nas margens para ser seco e branqueado pelo sol, que em breve lhe dá uma linda alvura. Só nas classes mais elevadas é que se engoma o linho mais fino.

Segundo ele, a actividade na cozinha era intensa, a qual, junto aos labores, ocupava a maior parte do tempo das mulheres.

Quando descreve os festejos organizados em Lisboa, por ocasião da visita do General Wellington, escreve que

As senhoras, tanto nas suas pessoas como nos seus costumes, são sem dúvida inferiores às nossas, embora não haja nada especialmente desagradável na sua

maneira de ser ou no seu aspecto: uma cara arredondada e gordinha, um tom de pele bastante amarelado, com mais ou menos cor, e olhos castanhos vivos, com longas pestanas negras, cabelos escuros, parece constituir a aparência geral das suas feições, algumas das quais são muito interessantes e bonitas. (...) Com excepção de reuniões nocturnas, nos teatros e no caminho para a missa, as senhoras são raramente ou nunca vistas em público. Nestas ocasiões costumam ser seguidas pelas *chaperones*, e o seu aspecto é então sério, de algum modo solene e digno. (...) Mas quando dentro de casa tendem a ser abertas e não reservadas, muitas vezes coquetos e não inacessíveis a lisonjas.

Acrescenta que esta atitude favorável das senhoras portuguesas pode talvez explicar-se pelo facto da cotação dos ingleses ser muito alta em Portugal.

Terminando os seus comentários algo contraditórios e confusos acerca das mulheres portuguesas, acrescenta que um dos melhores elogios que se lhes pode fazer, por absurdo que pareça, na sua opinião é *ipsis verbis*, dirigir-lhes as seguintes palavras: “Adeosina, cada vez mais linda, mais alta, mais nova, mais blanca et mais gourda.” Gordura é formosura, lá diz o ditado...

O livro que em seguida me ocupou é de 1816, também editado em Londres, escrito por John Milford *Peninsular Sketches during a recent Tour*.¹⁴ Neste caso não se trata de um militar mas de um jovem que, depois de sair da universidade, teve oportunidade de viajar na Península Ibérica e resolveu passar à escrita as suas impressões. Sobre as mulheres citarei o seguinte:

As senhoras de Lisboa (...) têm geralmente um tom de pele tão acastanhado que, nos olhos de um inglês, estão mais próximas de uma Vénus africana, excepto à luz da vela. Os seus dentes e cabelo são, sem dúvida, bonitos, e também poderei acrescentar que os seus olhos, quase sempre negros, são encantadores. São igualmente bastante animadas, mas as suas maneiras não são muito agradáveis, nem são muito limpas nas suas pessoas (...) quase todas têm, em comum com um número excessivo de senhoras espanholas, o hábito de cuspir constantemente dentro de casa (...) A educação em toda a Península é tristemente descurada; mesmo entre as senhoritas mais vivas, e diz-se que dois terços não sabem ler nem escrever (...) Avisaria todos aqueles que andam a viajar à procura de esposa que não passem por Lisboa.

Em 1874 uma senhora inglesa, Catherine Charlotte, cujo título era Lady Jackson, deu à estampa um livro que descreve com minúcia as suas visitas em todo o país e que contém ainda cento e vinte fotografias.¹⁵ As referências às mulheres são inúmeras embora se centrem sobretudo no aspecto exterior das ditas. Há contudo, uma nota breve sobre a crescente ‘emancipação’ das portuguesas. Vejamos como ela observou as senhoras a fazer compras no Chiado em Lisboa:

vestidas com cores quer suaves quer vivas e de acordo com as modas mais extremas contidas nos figurinos recentes do ‘Journal des Modes’. Chapéus e tocas dos feitios parisienses mais actuais, brilhantes de flores, penas e fitas, adornam as construções elaboradas de tranças, ondas e tiras de cabelo, que agora estão na moda.

Repetimos que a representação das mulheres portuguesas construída por estes autores estrangeiros demonstra uma atitude de estranheza face aos hábitos e costumes nacionais. Permite-nos constatar algumas situações bem reais, nomeadamente o fraco nível no que toca à educação da população em geral e das mulheres em particular, a rigidez de uma sociedade segmentada em classes sociais bem delimitadas assim como o papel de menoridade e de submissão atribuído às mulheres e as normas cuidadosamente impostas acerca do relacionamento entre mulheres e homens, com fronteiras aparentemente claras entre o vício e a virtude. Permite-nos ainda constatar, mais uma vez, como o pensamento dominante no país era conservador e temeroso de qualquer modernidade o que, obviamente, marcou toda a evolução política e social até aos nossos dias.

Quanto ao acto de viajar já se dispõe de alguma bibliografia, de origem anglo-saxónica, sobre aspectos teóricos do que poderá significar o olhar do viajante, integrando na análise desse olhar a perspectiva de género.

Veja-se Caren Kaplan:

If the language of 'difference' and 'similarity' is always coded, always a narrative of the power of representation, then the question of how the world is described becomes particularly important. (...) The entire world appeared to belong to the "West" as travel became supported by technological innovations and financed by industrialization. Earlier in the nineteenth century, as Mary Louise Pratt's work has shown us, diversified discourses of travel produced writing that influenced occidental science and literature as well as foreign policy for several generations to come. (...) The "traveller" who occupies primary place in this formation can be characterized as a Western individual, usually male, 'white', of independent means, an introspective observer, literate, acquainted with ideas of the arts and culture, and above all, a humanist.¹⁶

O interesse académico pela literatura de viagens é relativamente recente. Os autores são muitas vezes anónimos ou 'amadores'. Contudo, na minha perspectiva, estes textos consistem em mais uma fonte, e uma fonte de relevo, para o entendimento da história das mulheres no nosso país.

Notas

- 1 *Catálogo da Livraria Duarte de Sousa, Séculos XIX e XX*, Lisboa, SNI, 1972, e *Catálogo da Livraria Duarte de Sousa, Séculos XV a XVIII*, Lisboa, SNI, 1974.
- 2 *Voyages Faits en Divers Temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne et Ailleurs*, Amsterdão, 1700, citado por Maria José Moutinho Santos, "A Condição da mulher em Portugal no séc. XVIII vista por estrangeiros, alguns aspectos", *Boletim da Comissão da Condição Feminina*, n.º 1, 1981.
- 3 *Description de la Ville de Lisbonne*, Paris, 1730, cit. por Maria José Moutinho Santos, op. cit.
- 4 William Beckford, *Italy, Spain and Portugal, with an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha*, Londres, Richard Bentley, 1840.

- 5 Pierre Carré, *Voyage en Portugal et Particulièrement à Lisbonne en 1796*.
- 6 *Cartas de hum Viajante Francez a hum seu Amigo Rezidente em Paris, sobre o Character e Estado Prezente de Portugal*, Paris, 1784, Manuscrito da BPMP, Misc. N.º 568.
- 7 *Mémoire Instructifs pour un voyageur*, tomo II, Amsterdão, 1738.
- 8 Robert Southey, *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, 2.ª edição, Bristol, Biggs & Cottle, Londres, T. N. Longman & O. Rees, 1799.
- 9 Adam Neale, *Letters from Portugal and Spain*, Londres, 1809.
- 10 *Letters from Portugal and Spain, Written During the March of the British Troops Under Sir John Moore*, by an Officer (attributed to Sir R. K. Porter), Londres, 1809.
- 11 *A Picture of Lisbon Taken on the Spot, by an Inhabitant*, 2.ª edição, Londres, 1811.
- 12 Willaim Granville Eliot, *A Treatise on the Defense of Portugal*, Londres, 1811, 2.ª edição aumentada.
- 13 S. D. Broughton, *Letters from Porrtugal, Spain and France*, Londres, 1815.
- 14 John Milford, *Peninsular Sketches During a Recent Tour*, Londres, 1816.
- 15 Catherine Charlotte Lady Jackson, *Fair Lusitania*, Londres, Richard Bentley, 1874.
- 16 Caren Kaplan, *Questions of Travel, Postmodern Discourses of Displacemente*, Durham and Londres, Duke University Press, 1966.